



MULTIFACETATED BODIES: A BRIEF HISTORY OF THE BODY

CORPOS MULTIFACETADOS: UMA BREVE HISTÓRIA DO CORPO

Renato Marcelo Resgala Júnior

Doutorando em Sociologia Política pela UENF

Marinete dos Santos Silva

Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política - PPGSP
Professora e Coordenadora do ATEGEN

Resumo – O presente artigo visa a uma revisitação sobre a conceituação do que é o corpo, no que concerne às transformações histórico-culturais pertinentes. Para tanto, adentrou-se a uma investigação das posições clássicas, nas acepções gregas e religiosas, passando por Aristóteles, Platão e Galeno, à luz do trabalho de Thomas Laqueur. Em seguida, analisou-se as relações do corpo com o discurso médico, até às percepções modernas do século XIX, a partir do estudo de Roy Porter. Por fim, apresentou-se uma crítica sobre as percepções do corpo na contemporaneidade, embasada pelas considerações de Jean-Jacques Courtine, Georges Vigarello, com as posições de Denise Bernuzzi de Sant’Anna.

Palavras-chave: corpo; história; discurso

Abstract: This article aims to revisit the concept of the body, with regard to the relevant historical-cultural transformations. To this end, it entered into an investigation of classical positions, in Greek and religious meanings, passing through Aristotle, Plato and Galen, in the light of the work of Thomas Laqueur. Then, the relations between the body and medical discourse were analyzed, up to the modern perceptions of the 19th century, based on Roy Porter's study. Finally, a critique of contemporary body perceptions was presented, based on the considerations of Jean-Jacques Courtine, Georges Vigarello, with the positions of Denise Bernuzzi de Sant'Anna.

Keywords: body; history; discourse

Revisitando a história do corpo

*“O corpo – o que comemos, como nos vestimos,
os rituais diários através dos quais cuidamos dele –
é um agente da cultura”
(Susan R. Bordo)*

*“Os limites dos corpos são fluidos”
(Roy Porter)*

*“Realizar uma história do corpo é um trabalho
tão vasto e arriscado quanto aquele
de escrever uma história de vida”
(Denise Bernuzzi de Sant’Anna)*

Steven Connor (1994), teórico dos estudos da cultura, já apontava, nos anos 90 do século XX, que tudo o que vem inscrito sob o signo dos símbolos histórico-culturais sempre se traduz em valores que, inescapáveis às experimentações cotidianas da vida em sociedade, acabam por criar e ‘repaginar’ sistemas de reconhecimento, dentro dos quais padrões são inventados, realocados e introduzidos no imaginário social. Em outras palavras, tudo o que é cultural tem seu valor, pois a cultura nos é inescapável (CONNOR, 1994, p. 11)

Quando as pesquisas sociais voltam seus objetivos para a análise das percepções conceituais sobre o que é o corpo, o que se está no cerne da discussão é a própria condição humana: as identidades culturais que estão em constante mudança, as relações que se constroem e se diferenciam nos espaços sociais, as marcas culturais inseridas nos espaços

íntimos e, por conseguinte, os jogos de poder que nela se articulam; estes, por sua vez, entendidos enquanto discursos que produzem e reproduzem também perspectivas e valores culturais. Não há, por conseguinte, na relação entre corpo e cultura uma cisão, pois um se concretiza e se realiza no outro.

O ser humano experimenta a vida, as relações com o mundo e com os outros pelo seu corpo. É no corpo e pelo corpo que as identidades de homens e mulheres primeiramente afloram. Porém, nos entremeios da história, o corpo foi posto em segundo plano, ora por ser impuro, frágil, ora por ser indigno e, por vezes, simbolizar o desconhecido ou mesmo nefasto: precisava de controle.

Há, certamente, sobre o discurso em torno do corpo multifacetadas inclinações histórico-culturais (e que hoje são, de fato, clivadas pelas marcas discursivas da moda, da mídia, da medicina, da religião, da política, da economia, do esporte, da saúde pública etc.) que influenciaram o ideal estético corporal, isto é, do que seria o corpo perfeito, o corpo sadio, o corpo correto¹ e culturalmente coerente com o espaço social e a sua época: ideais esses que estiveram presentes no imaginário ocidental, adequando-se, readaptando-se e se modificando no decorrer dos séculos.

Dessa forma, dir-se-ia que a história do corpo na sociedade ocidental é, no mínimo, questionável. Discuti-la é intervir em um processo histórico-discursivo, cercado por determinada tradição mítica, que segrega e também é marcada por – quase que imaculadas – questões que regeram a vida de homens e mulheres, dando-lhes o comportamento de como ‘se deveria e precisaria ser e agir’, ‘o que se deveria fazer’, ‘como um membro de uma classe social deve se vestir’, ‘qual valor dar ao corpo’ entre outros questionamentos.²

Se para Stenzel (2003, p. 45), apoiando-se na visão de Sant’Anna (1995a; 1998; 2000) e Susan Bordo (2010), o corpo é um símbolo no qual jogam as múltiplas formas e

¹ Sobre a ideia do corpo estruturalmente correto, posicionado, endireitado, Georges Vigarello, em seu livro que é baseado em sua tese de doutorado, “Le corps redressé. Histoire d’un pouvoir pédagogique”, traz imagens e apontamentos históricos.

² Sobre os questionamentos e com relação aos aspectos relacionados à identidade masculina, Badinter (1993) e Nolasco (1990) fazem consideráveis apresentações sobre o ideal de masculinidade e sobre o conceito de Homem. Quanto à ideia sobre o corpo feminino, sobre o que é a ‘Mulher’ no discurso histórico-social do ocidente, considerável são as abordagens de Susan Bordo (2010; 2014) e também de Thomas Laqueur (2001), cuja pesquisa da história do conceito de corpo e sexo trará exemplos de como certos paradigmas e dogmas culturais institucionalizaram ideais no discurso científico e médico para a diferenciação da sexualidade (na retratação dos órgãos sexuais masculino e feminino) que, de fato, ainda refletem na abordagem conceitual sobre o corpo na história. Trataremos desses tópicos posteriormente.

visões da história cultural, já que “toda cultura tem seu modo de viver, de pensar e de falar sobre o corpo, cada qual com suas especificações e diferenças”, para Bourdieu (1989, p. 09) é sobre o corpo que a violência simbólica se solidificou e determinou o controle da conduta na vida pública e privada, acarretando no distanciamento das relações sociais e na domesticação do comportamento.

Da mesma forma, Georges Vigarello (2000, p. 229), ao responder sobre o que é o corpo nos estudos históricos, afirma que:

(...) o corpo não é algo unificado; de onde vem a dificuldade de responder à questão ‘o que é o corpo?’. O corpo é um objeto múltiplo, que pode representar dimensões bastante diferentes da vida, tais como a sensibilidade, a expressão ou uma verdadeira mecânica ligada ao trabalho. Ele evoca numerosas imagens, sugere múltiplas possibilidades de conhecimento. Além disso, o corpo é sempre algo inabarcável. Todavia, desde que se saiba que ele não é um objeto homogêneo, é importante estudá-lo pois, em muitos casos, é por meio dele que nós revelamos como o mundo é construído.

Com isso, asseverou Sant’Anna (2000, p. 50) que “(...) o corpo, tal como a vida, está em constante mudança. As aparências físicas demonstram de modo exemplar esta tendência: elas nunca estão prontas, embora jamais estejam no rascunho”.

Por muito tempo, no passar histórico-cultural do ocidente, subjogou-se o corpo à alma. Dito de outra forma, predeterminaram-no, sob inventados, controlados e moldados padrões culturais dicotômicos e exclusivistas, que adentraram nos espaços e momentos da vida humana (no comportamento cotidiano, na alimentação diária, no condicionamento da sexualidade, na relação com os bens de consumo, como a moda), pois era preciso corrigir, controlar e cercear o corpo; afinal, punindo-se o corpo (reflexo, pois, das pulsões, dos desejos, das manifestações reais dos homens e mulheres), controlava-se a alma e, por extensão, modelar-se-iam e se adestrariam o comportamento e as relações interpessoais (COURTINE, 2013).

Corpo e alma separaram-se, primariamente, já na própria base do discurso filosófico ocidental. Leia-se o que dissera Aristóteles (2009, p. 20), em ‘A Política’, § 10: “Em primeiro lugar, todo ser vivo se compõe de alma e corpo, destinados pela natureza, **um a ordenar, outro a obedecer**. A natureza deve ser observada nos seres que se desenvolveram segundo as suas leis, muito mais do que nos degenerados” (grifos nossos).

A subserviência simbólica das projeções do corpo à alma está no berço do imaginário histórico-cultural, por meio de representações paradigmáticas e dicotômicas que permearam o discurso de poder ocidental. Pode-se perceber tal dicotomia e relações binárias de significação (na rede de significantes e significados históricos), nas oposições clássicas como: o que é natural e o que é cultural, o que é essencial e o que é existencial, o que é bom e o que é ruim, o que é justo e injusto etc. De outra maneira, no discurso tradicional da história ocidental (pensando aqui nas produções filosóficas e religiosas), há a supremacia de um sobre o outro, *in casu*, a supremacia de uma perspectiva idealizada (religiosa e purista) da alma sobre o corpo, este, por seu turno, percebido como impuro, material, passageiro e passível.

No discurso filosófico, claro está que o corpo se posiciona em detrimento à alma, pois o universo do platonismo e a sua concepção de uma perfeição de um mundo ideal, puro e pleno situava-se para além dos espaços de vivência e experiência corporal: a vida boa se daria em outro lugar que não na vida terrena, real e viva; de outra forma, o corpo era só a 'casca' dos seres e a verdadeira plenitude só se adquiriria quando estivesse fora desse mundo de aparências, das coisas mundanas .

Assim, o que tinha valor, no discurso platônico, por extensão, também em seu herdeiro intelectual, Aristóteles, era a alma.

O pensamento ocidental, em suas raízes, já trazia espantosas estratégias de dominação e de controle social: ao diminuir a importância do corpo e ao enfatizar que a perfeição da vida estaria numa localidade supraterrena, o pensamento platônico-aristotélico inaugurava uma tradição de dominação conspícua da vida social.

De fato, o discurso da metafísica, que é o de uma gênese ontológica (originária) da ideia de perfeição, engendraram perspectivas que diminuiram o valor do corpo e da necessidade do conhecimento do corpo físico, em prol de uma idealização gradativa da *ratio*: o corpo era a imperfeição, a emotividade a ser negada; a alma, a razão a ser venerada enquanto a pura síntese e plenitude do ser.

Nesse passo, a alma mais uma vez consolidava-se na sua supremacia ante o corpo, ante as condições da experiência da vida humana: a própria discussão filosófica platônica sobre o Bem, o Belo e a Verdade reconduziam às virtudes plenas que seriam reflexos da alma e da sua essência. Já o corpo – 'gatilho' que levava à desagregação moral e comportamental da humanidade –, era sujo, execrável e punível. As tradições culturais religiosos judaico-cristãs, isso, propagaram bem.

Confirma Thomas Laqueur (2001) a predeterminação do conceito do que é o corpo sob os pilares de padrões culturais exclusivistas, inventados, controlados e moldados, que adentraram nos espaços e momentos da vida humana, desde o comportamento cotidiano, a alimentação diária, as relações nos espaços íntimos e públicos, até nas condições das relações sexuais³.

Vale ressaltar que “as diferenças visíveis entre os órgãos sexuais masculino e feminino são uma construção social que encontra seu princípio nos princípios de divisão da razão androcêntrica⁴” (BOURDIEU, 2012, p. 24).

Roy Porter (1992, p. 303) aponta para uma supervalorização da mente, da alma humana, de um lado; por outro, um aprisionamento e controle do corpo físico:

(...) um dualismo fundamental invadiu a mentalité ocidental; ser humano significava ser uma mente encarnada (...) tal dualismo tem sido uma força profundamente modeladora do uso linguístico, dos esquemas classificatórios, da ética e dos sistemas de valor. À mente e ao corpo têm sido designados atributos e conotações distintos. **A mente é canonicamente superior à matéria (...) esta subordinação hierárquica do corpo à mente sistematicamente degrada o corpo** (grifos nossos)

Degradando o corpo, simbolicamente, as projeções históricas e filosóficas do ocidente criaram espaços de dominação simbólica que, para Bourdieu (1989, p. 11),

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim (...) para a ‘domesticação dos dominados’

³ Laqueur (2010, p. 106-114) apresenta imagens que refletem a reproduzibilidade da supremacia masculina, ao trazer quadros e desenhos que expõem as ‘correspondências’ entre os órgãos genitais masculinos e femininos. A imagem 52 de seu livro mostra o útero, a vagina e os ovários que eram ainda chamados de testículos masculinos (*ibidem*, p. 198).

⁴ Pergunta-se então, *ad exemplum*: se o corpo masculino obeso já traz as marcas da segregação, o que dizer do corpo feminino, historicamente, discriminado e considerado inferior no âmbito das relações sociais? O corpo feminino, historicamente, foi projetado na ausência, espelhado no corpo masculino e nele se orientando.

Portanto, a história do corpo deve ser percebida nas suas relações com as experiências e momentos de vida que, expressos no interior de sistemas culturais particulares (PORTER, p. 295), demarcam as características culturais, sociais e morais: “a história dos corpos deve incorporar a história das suas percepções”.

Abordado sob diversas perspectivas, o conceito de corpo, porém, tendeu a ser visto pela sua exterioridade. Aristóteles determinava a dimensão do corpo, por meio de medidas, espaços, extensão, etc.⁵, restringindo a funcionalidade corporal aos desígnios da alma racional; à esteira do discurso cristão, o corpo era a prisão da alma, o que, por seu turno, traduzia aspectos de valoração desta em relação àquele, pensamento que veio a se transformar no decorrer da história, com o avanço da medicina (principalmente com as dissecações de cadáveres no Renascimento, com Vesálio, Miguel Ângelo e Leonardo da Vinci), o reconhecimento de técnicas para a postura, a educação alimentar e a moda.

Para Denise B. de Sant’Anna (1995, p. 247), “o corpo humano depois de morto, aberto e desmembrado pelas mãos daqueles que o dissecam em nome da ciência, tende a se transformar num ‘livro rico de explicações que, segundo Vesálio, não mente jamais”.

Já na contemporaneidade, inegável é a discursividade que conduz a percepção do corpo como objeto de consumo e de autorrealização da imagem exteriorizada, propagada pela indústria cultural de bens de consumo, como a indústria da moda e a de produtos alimentícios.

Assim, soçobra a dialética sobre o corpo, sabendo que a balança sempre pende para um lado: uma ‘necessária’ vontade de quantificar e rotular sempre o quê ou quem seria o melhor ou o quê ou quem historicamente seria ‘mais igual do que outro’, numa metáfora orwelliana, em que o corpo vem a ser reduzido, aprisionado e silenciado.

Para Porter (1992, p. 302):

Até há pouco tempo, a história do corpo tem sido, em geral, negligenciada, não sendo difícil se perceber o porquê. Por um lado, os componentes clássicos, e por outro, os judaico-cristãos, de nossa herança cultural, avançaram ambos para uma visão fundamentalmente dualista do homem,

⁵ Verificam-se as colocações distintivas de corpo e alma também nos estudos da “Da Alma” e as observações matemáticas sobre os corpos celestes em “Do Céu” (ARISTÓTELES 2011; 2012).

entendida como uma aliança muitas vezes ansiosa da mente e do corpo, da psiquê e do soma; e ambas as tradições, em seus caminhos diferentes e por razões diferentes, elevaram a mente ou a alma e denegriram o corpo

Estigmatizado, o próprio corpo é, por sua vez, não só a imagem observada na realidade do ser, mas uma construção social, que se transforma, articulando-se, conceitualmente, em contextos diferentes (PORTER, 1992, p.291).

Porém, ao se traçar uma linha histórica em que se possa vislumbrar as múltiplas percepções, Roy Porter (op. cit., p. 298-299) deixa claro que as dificuldades de materiais e objetos históricos diminuem as possibilidades de interpretação da representatividade do corpo nos espaços sociais: como saber as posições comuns das relações sexuais (o coito) nos séculos XVI ou XVII? Será que as gravuras e pinturas dos séculos passados trazem a realidade vivida? Os registros médicos, as análises sobre o funcionamento corporal e as dissecações desde o século XVI trazem um retrato fiel do que é o corpo⁶?

A discussão sobre o corpo não deve ser somente pautada na estratificação sobre o corpo físico (a vitalidade, a sexualidade, a postura, a gestualidade), nem na descrição crítico-representativa (como se comportar, falar, vestir-se), mas deve se apresentar num diálogo “da ação recíproca entre os dois” (PORTER, op. cit., p. 301). A cada época, uma nova luz é jogada sobre o reinado simbólico que vela a ideia do corpo.

Nas palavras de José Bartolo (2007, p. 15)

A história do corpo é a história da sua permanente produção, a cada novo regime de saber capaz de produzir uma leitura do corpo corresponde um determinado regime de poder cujo impacto extravasa sempre e em muito a pequenez do corpo de alguém que, como um trovão surpreendendo a noite escura, passou pela vida.

Jean-Jacques Courtine (2013, p.13-14), por sua vez, retrata que o corpo é um construto simbólico que deve ser ‘decodificado’, no entrelaçamento de perspectivas culturais e científicas, posto que, historicamente, foi objeto das ciências médicas, desde o Renascimento cultural e somente no século XX é que adquiriria representatividade para além do discurso clínico:

⁶ Para Porter (op. cit., p.299), “Seria um empreendimento arriscado esperar que nossos registros de diagnóstico médico nos proporcionassem uma história confiável, objetiva e epidemiológica”

Visto que o século XX restaurou e aprofundou a questão da carne, isto é, a questão do corpo animado (...) quando Freud sobe mostrar (...) que dependia do inconsciente falar através do corpo (...) na ideia que Edmund Husserl se fazia do corpo como berço original de toda significação, que levou Merleau-Ponty⁷ a ali ver a encarnação da consciência, a 'âncora do mundo'. (...) quando Marcel Mauss se impressiona, durante a Primeira Guerra Mundial, com a estranha maneira que tinham a seus olhos os soldados britânicos de marchar ou de cavar trincheiras (...). Portanto, é desta forma que o corpo foi religado ao inconsciente, colado ao sujeito e inscrito nas formas sociais da cultura.

Agente da cultura, tudo o que se apresenta na história do corpo se traduz em signos representativos, passando pelo binarismo filosófico clássico (entre alma e corpo), pelo invólucro religioso cristão, pela percepção do corpo como máquina, pelos modelos estéticos que se propagaram nas artes, pelo endireitamento e modelagem corporal e pela percepção contemporânea do corpo informatizado.

Para Sant'Anna (1998, p. 172), o conceito de corpo inevitavelmente é transitório, já que se situa em espaços multidisciplinares, na convergência de saberes de diversas áreas, sendo, "lugar das manifestações biológicas e das expressões psicológicas, receptáculo e processador de símbolos sociais, espaço sobre o qual se inscrevem natureza e cultura", numa rede de complexidades que é "inesgotável".

Em sua crítica sobre a escassez das pesquisas históricas voltadas para as práticas corporais, Sant'Anna ressalta que não há como se entender o que é o corpo desvencilhando-o de seus espaços sociais. Para se ter parâmetros conceituais sobre o corpo na sociedade hoje é preciso vê-lo no jogo com a cultura, com a tecnologia, com a ciência e com a política: "todo estudo sobre o corpo – melhor seria dizer corpos – é necessariamente plural, na medida em que evoca uma série de processos – fisiológicos, culturais, econômicos – nos quais se cruzam domínios da cultura" (SANT'ANNA, 1998, p. 173).

Já nas palavras de Porter (1992, p. 295):

⁷ Para Merleau-Ponty (1991, p. 256), em seu livro "Signos", ao tratar do "Homem e suas adversidades", assim expõe: "Nosso século apagou a linha divisória entre o 'corpo' e o 'espírito' e vê a vida humana como espiritual e corporal de parte a parte, sempre apoiada no corpo, sempre associada, até nos seus modos mais carnis, às relações das pessoas. Para muitos pensadores, no final do século XIX, o corpo era um pedaço de matéria, um feixe de mecanismos. O século XX restaurou e aprofundou a noção de carne, ou seja, de corpo animado"

Evidentemente devemos enxergar o corpo como ele tem sido vivenciado e expresso no interior de sistemas culturais particulares, tanto privados quanto públicos, por eles mesmos alterados através dos tempos. Se os corpos estão presentes para nós, apenas por meio da percepção que temos deles, então a história dos corpos deve incorporar a história de suas percepções.

Corpos determinados pelos desígnios divinos; corpos dominados pela razão transitória das épocas; corpos vigiados e corpos domesticados pelas estruturas de poder sociais; corpos plurais e corpos em transformação; corpos saudáveis e padronizados; de outra forma, então, afirmar-se-ia corpos multifacetados que se apresentam nos discursivos histórico-sociais da contemporaneidade.

Se no discurso religioso judaico-cristão e no pensamento filosófico da antiguidade o corpo se subtrai, retendo-se ante a mente, no discurso contemporâneo, o corpo se torna máquina, objeto de investigação do discurso médico, e espetáculo-mercadoria, em face às projeções de consumo.

É a partir dos anos de 1960 que os estudos sobre o corpo e encaminham para além das esferas biomédicas e filosóficas. Como novo campo de investigação e objeto de pesquisas das ciências humanas, o estudo das práticas corporais nas ciências sociais e históricas se torna um leque de possibilidades para a representatividade da vida social: a sociologia do corpo (POULAIN, 2013), a antropologia do corpo (BRETON, 2007) e a história das práticas e representações corporais se tornam caminhos metodológicos para o entendimento das relações sociais, dos espaços do trabalho e lazer, das projeções no espaço privado familiar ou no espaço público (SANT'ANNA, 1998, p. 174)⁸. O corpo é

⁸ Muitos são os estudos e análises que remetem às relações do corpo com a imagem, do corpo com os campos da saúde, do corpo nas relações de trabalho e no espaço das vivências e experiências afetivas. Destacam-se alguns, a seguir:

BOCAGE-BARTHÉLÉMY, Y., et al. Evidence that Social Comparison with the Thin Ideal Affects Implicit Self-Evaluation. **International Review of Social Psychology**, v. 31, n.1-2, 2018, p. 14-28.

BROWN, Peter J.; KONNER, Melvin. An anthropological perspective on obesity. In: GOODMAN, Alan H et al. **Nutritional Anthropology: Biocultural Perspectives on Food and Nutrition**. 2. ed. Londres: Oxford University Press, 2012. p. 22-46.

campo vasto e desconhecido, “resistente ao discurso, silencioso diante da infinita vontade de saber sobre o seu funcionamento” (SANT’ANNA, 2000, p. 50).

Em algum momento da história da revolução industrial, já na segunda metade do século XIX, as percepções sobre o corpo perfeito e ideal, paulatinamente, se desvincularão das suas correlações com a condição (amarras, pois) religiosa e até da ideia de que o corpo é o que é por ‘natureza’. O corpo, como signo, poderá ser reestruturado, modificado, rearranjado para a melhor eficiência.

No universo das máquinas, os discursos médico, clínico e sanitário, além dos pautados na perspectiva econômica, remodelam o ideal sobre o corpo:

No lugar do corpo aberto e atravessado por humores, ou ainda do modelo mecanicista, prevalece, agora, o modelo do corpo assimilado ao motor à combustão enquanto que o humano é comparado à locomotiva. (...) O corpo não deverá mais ficar à espera de um sopro divino para fazer mecanicamente seu trabalho. A força não lhe é dada, é produzida.
Mais do que nunca o homem se distancia de qualquer semelhança

JACKSON, Michael. Conocimiento del cuerpo. In: CITRO, Silvia. **Cuerpos Culturales: Antropología da y desde los cuerpos**. Buenos Aires: Biblos, 2010. p. 59-82.

LAMBEK, M. Cuerpo y mente em la mente, cuerpo y mente em el cuerpo. In: CITRO, Silvia. **Cuerpos Culturales: Antropología da y desde los cuerpos**. Buenos Aires: Biblos, 2010. p. 105-125.

LIMA, Camila Rodrigues Neves de Almeida. Gênero, trabalho e cidadania: função igual, tratamento salarial desigual. **Revista Estudos Feministas**, [s.l.], v. 26, n. 3, p.1-20, 11 out. 2018. FapUNIFESP Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2018000300210&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 19 maio 2019.

POCIELLO, Christian. Os desafios da leveza: as práticas corporais em mutação. In: **Políticas do Corpo**. Denise B. Sant’Anna (org.). São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 115-139.

SALAS, X. R. et. al. Addressing internalized weight bias and changing damage social identities for people living with obesity. **Frontiers on psychology**. 26 de junho de 2019. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2019.01409/full>. Acesso em 03 de março de 2020.

SENKEVICS, A. S. POLIDORO, J. Z. Corpo, gênero e ciência: na interface entre biologia e sociedade. **Revista da Biologia**, IBUSP, São Paulo, n. 9, v.1, p. 16-21, 2012.

com a natureza e da dependência com a divina. A vontade, dizem médicos e empresário, deve vir de dentro de cada um, sendo construída no cotidiano, através da ginástica, da boa alimentação, e, sobretudo, da disciplina do trabalho. (SANT'ANNA, 1998, p. 177-178) (grifos nossos)

Numa nova era de produtividade e mecanização, as pessoas estavam novamente em xeque: o corpo era agora corpo-máquina, processador do trabalho, objeto a ser cultuado e aprimorado para a melhor eficácia da produção de bens (SANT'ANNA, op. cit., p. 178)⁹. Veem-se, *ad exemplum*, no começo do século XX, anúncios publicitários de remédios, águas medicinais, elixires e suplementos vitamínicos que se direcionavam para o melhoramento do corpo, para uma eficiência do organismo, para o aprimoramento das condições físicas para o trabalho e também para as relações íntimas.

Abaixo, seguem algumas imagens de anúncios publicitários que denotam a relação entre o bem-estar físico, a saúde e a alimentação com o ideal do corpo-máquina:

Figura 1

⁹ Aqui, as contribuições e estudos de Lavoisier sobre a respiração (eliminação de oxigênio exalando às carbônico) foram simbólicas para a comparação do corpo com a termodinâmica. Cf.: SANT'ANNA, 1995, p. 240: "Os trabalhos de Lavoisier contribuíram para provocar a emergência de um modelo corporal baseado na termodinâmica, segundo o qual o corpo é, antes de tudo produtor de energia". Uma afirmativa que significativamente predeterminou a relação do corpo com o rendimento no exercício do trabalho.



Imagem extraída de: <http://www.funed.mg.gov.br/2019/06/destaque/exposicao-da-biblioteca-da-funed-mostra-a-publicidade-de-medicamentos-do-inicio-do-seculo-xx/>

Figura 2

Armas de 2 Gumes

TETRA-CHLOROETO DE CARBONO

OLEO DE CHENOPODIO

TETRA-CHLOROETO DE CARBONO + OLEO DE CHENOPODIO

FETO MACHO

THYMOL (1 a 10 grs.)

NAPHTOL B

SANTONINA
(em papéis, comprimidos ou em forma líquida, solutus etheos.)

FREQUENTES INTOXICAÇÕES MEDICAMENTOSAS

Eis a Lei:

ALMO NON NOCERE
LOMBA

PILULAS VITALIZANTES

TRATAMENTO SEGURO DAS ANEMIAS VERMINOSAS SEM VERMIFUGOS

O INIMITAVEL VALOR DAS PILULAS VITALIZANTES E' GARANTIDO PELA MARCA →

THYMOXALATO DE FERRO

LABORATORIO ERNANI LOMBA - RUA UNIVERSIDADE, 74 - RIO

Imagem extraída de: <http://www.funed.mg.gov.br/2019/06/destaque/exposicao-da-biblioteca-da-funed-mostra-a-publicidade-de-medicamentos-do-inicio-do-seculo-xx/>

Figura 3



Imagem extraída de: <https://www.propagandashistoricas.com.br/2017/11/elixir-de-inhame-1921.html>

Figura 4

O Grande Depurativo do Sangue "ELIXIR DE NOGUEIRA"



JOÃO DA SILVA SILVEIRA
FARMACÊUTICO QUÍMICO
(Autor da grande fórmula)



O Grande Depurativo do Sangue "ELIXIR DE NOGUEIRA", do Farmacêutico e Químico João da Silva Silveira, tem a sua marca registrada no Brasil e estrangeiro, a fim de evitar imitações e falsificações.

Licenciado em diversos Departamentos de Saúde Pública Nacional e estrangeiros.

Premiado em diversas exposições, com medalhas de ouro, entre as quais as de Chicago de 1893, Rio Grande do Sul 1901 e Nacional 1908 — Na Exposição Internacional de 1922 (Centenário do Brasil), recebeu a maior recompensa "HORS CONCOURS" — MEMBROS do JURY.

ESTE GRANDE REMÉDIO É PODEROSO PARA SYPHILIS E SUAS TERRÍVEIS CONSEQUÊNCIAS! MILHARES DE ATTESTADOS MÉDICOS E DE PESSOAS CURADAS.

ÚNICO DE GRANDE CONSUMO.
TEM SEU ATTESTADO NA VOZ DO "POVO".

(Marca registrada)

Vende-se em todo o Brasil e Republicas Sul Americanas e em alguns países da Europa

Imagem extraída de: <http://ahistoriappucgoias.blogspot.com/2018/04/correcao-da-atividade-2-propaganda-de.html>

Figura 5

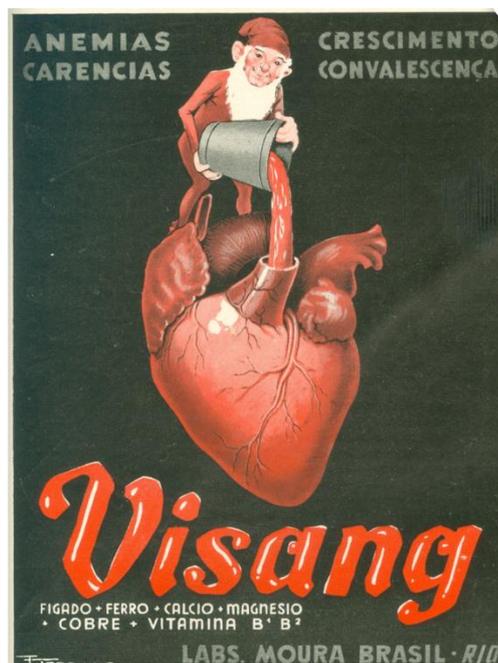


Imagem extraída de: <http://www.funed.mg.gov.br/2019/06/destaque/exposicao-da-biblioteca-da-funed-mostra-a-publicidade-de-medicamentos-do-inicio-do-seculo-xx/>

Figura 6



Extraído de:

https://www.google.com/url?sa=i&source=imgres&cd=&ved=2ahUKEwiQk9_GlZrqAhX4H7kGHVOID04QjRx6BAGBEAQ&url=http%3A%2F%2Fwww2.ufac.br%2Fsite%2Fidades-administrativas%2FForgaos-complementares%2Fedufac%2Frevistas-eletronicas%2Frevista-seringal-de-ideias%2Fedicoes%2Fedicao-02-2009%2Fartigos%2Fimagem-da-saude-a-medicalizacao-da-mulher-em-propagandas-de-farmacos-do-inicio-do-seculo-xx%2Fat_download%2Ffile&psig=AOvVaw0FYVEvs0FqljAen6jlnNhH&ust=1593078375297554

Figura 7



Imagem extraída de: <http://ahistoriappucgoias.blogspot.com/2018/04/correcao-da-atividade-2-propaganda-de.html>

Figura 8



Imagem extraída de: <http://www.funed.mg.gov.br/2019/06/destaque/exposicao-da-biblioteca-da-funed-mostra-a-publicidade-de-medicamentos-do-inicio-do-seculo-xx/>

Silvana V. Goellner, em “A produção cultural do corpo”, assinala o modo como a ciência, no século XIX, legitimou um processo pedagógico do corpo: educando-lhe, tornaria-o apto, produtivo, útil, “máquina produtora de energia, sendo as leis da termodinâmica aquelas que estão a subsidiar a criação da representação do corpo energético” (GOELLNER, 2003, p. 36).

Domesticado e asseado, alvo de práticas de disciplina e métodos de correção, o corpo, de fato, é marcado como um produto em construção, de matizes sociais, culturais e históricas. Por sua vez, Georges Vigarello (1995), em “Panóplias Corretoras: balizas para uma história”, apresenta alguns aparelhos e instrumentos que foram utilizados para a correção de ‘defeitos’ corporais ou mesmo para a estética postural, do século XVII.

Se de um lado tais instrumentos e aparelhos visavam à melhora do condicionamento e postura corporal, por outro, Vigarello (1995, p. 21-22)¹⁰ é incisivo ao afirmar que o que havia era a preocupação em ‘formatar’ os corpos diferentes, corpos desconformes aos padrões, em corpos preparados para o trabalho, isto é, corpos-máquina:

As várias aparelhagens através das quais as anatomias defeituosas vêm a ser corrigidas oferecem sempre qualquer coisa de perturbador ao olhar. Como se o corpo pudesse encontrar um duplo apoiando-se sobre ele a fim de melhor sustentá-lo. Como se uma mão invisível pudesse salvar uma aparência, sem ela vacilante. (...) Interrogar a história de um tal aparelho é, todavia, num primeiro momento, indicar o imaginário que o tornou possível. (...) **O novo pensamento mecanicista emprega sua fecundidade sobre um corpo transformado ele próprio em máquina.** (grifos nossos)

O que se percebe, já no século XX, é um afastamento do uso de aparelhos que buscavam a modelagem do corpo perfeito. No lugar de espartilhos, corpetes,

que moldavam o corpo do exterior, sem exigir dele nenhuma força, com a ginástica e os esportes, o corpo será chamado a se fortalecer sozinho, utilizando para tanto suas próprias forças. (...) ele será coagido a render mais (...) qualquer desperdício de energia se torna uma grande ameaça. (SANT’ANNA, 1998, p. 178)

Corroborando a história desta domesticação do corpo, Goellner (2003, p. 37) aponta que

¹⁰ Confiram-se as imagens do Tutor, que era o aparelho para correção corporal que endireitava e corrigia o que se via como deformidade física, além dos corpetes e espartilhos que moldavam os corpos femininos em Vigarello (1995, p. 33).

(...) Em nome da saúde e do bem-estar do indivíduo, o corpo passou a ser alvo de diferentes métodos disciplinares, entendidos como um conjunto de saberes e poderes que investiram no corpo e nele se instauraram: as aparelhagens para corrigir anatomias defeituosas, os banhos de mar, as medições e classificações dos segmentos corporais, a modelagem do corpo pela atividade física, a classificação das paixões, a definição do que seriam desvios sexuais, por exemplo, compunham um conjunto de saberes e práticas voltados para a educação da gestualidade, a correção do corpo, sua limpeza e higienização.

Indubitavelmente, se o corpo é percebido como um constructo cultural, uma produtividade sócio-histórica, assim também são os produtos e práticas sociais que a ele se destinam.

No tempo do capitalismo avançado, se o corpo não rende, significa desperdício de energia, por conseguinte, desperdício de trabalho, de lucro e de renda. O corpo deve ser excitado para o exercício, para o rendimento contínuo, de modo a buscar seu melhor aproveitamento para as relações sociais, em especial, às relações trabalhistas (seria, portanto, um exagero considerar que muitas pessoas, cujos corpos, estética e fisionomicamente, diferentes, para não dizer fora dos padrões vigentes, sintam-se anuladas do jogo dessas relações, por se perceberem como estigmatizados e excluídos dos espaços públicos e, por vezes, do privado?).

Se o corpo “funciona como um processador da história, por meio do qual são veiculados e modificados os legados culturais e biológicos” (SANT’ANNA, 2000, p. 50), quais seriam as projeções sobre o que é o corpo hoje? Que ideais de corpo são ensejados e valorizados¹¹? Como lidar com o corpo e suas condições? De que formas as pessoas experimentam a vida social com seus corpos?

(...) o gosto pelas modificações do corpo esteve presente em diferentes civilizações. Da ornamentação e das tatuagens utilizadas no Neolítico, à cosmética e às cirurgias estéticas de nossos dias, as metamorfoses corporais provocadas pelo ser humano serviram aos mais diferentes fins: para embelezar e fortalecer o corpo, para marcar um estatuto social e modos de pertencimento ou de exclusão em relação ao mundo

¹¹ Courtine (1995) já falava em uma ‘pastoral do suor’, em que o ideal de uma perfeição estética e funcional sobre os corpos empreenderiam uma mudança nas relações sociais (tanto no interior das casas, com a alimentação, quanto nas fábricas, no rendimento das pessoas no trabalho).

natural, sobrenatural e social, como maneira de se autossuperar. Há, de fato, uma miríade de finalidades relacionadas às modificações corporais e elas sempre indicam os limites e os sonhos de cada indivíduo e de cada sociedade. Além disso, as intervenções realizadas sobre o corpo estão intimamente relacionadas às suas sucessivas redescobertas: **estamos constantemente redescobrimo o corpo**. Ao longo do século XX, por exemplo, **o corpo foi redescoberto pelo higienismo redentor e pelos combates contra a suposta degenerescência das raças, a seguir pela proliferação das colônias de lazer, pela expansão do cinema, do escotismo e da emergência das férias pagas, depois pelas seduções da publicidade e da televisão e, mais recentemente, pelos movimentos de liberação sexual, pelos novos ritmos musicais, as diferentes tendências da moda, a massificação da pornografia e, enfim, o advento da biotecnologia**. (SANT'ANNA, 2000, p. 50) (grifos nossos)

O interesse pelo corpo responde às demandas que o mercado contemporâneo de produção de bens culturais e produtos de consumo diários prontifica-se a manipular e incitar às pessoas; o corpo-máquina (submetido aos interesses da produtividade do trabalho incessante) dará lugar ao corpo-consumista, espelho de um sistema de coerções, vigilâncias e dominações contínuas, muito bem articuladas na esfera da propaganda e da mídia que se iniciaram no começo do século XX e das múltiplas redes sociais de distribuição de bens de consumo do século XXI (que tiveram sua fase embrionária nas imagens da estetização do bem-estar com o corpo de inúmeros remédios no início do século XX). Observem as figuras abaixo que retratam bem como a propaganda demarcou seu espaço sobre o imaginário do corpo, em especial, o feminino:

Figura 9



Imagem extraída de 'A saúde da Mulher' em:

https://www.google.com/url?sa=i&source=imgres&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKewin9uzznZrqAhVPDrkGHUklApEQjRx6BAgBEAQ&url=http%3A%2F%2Fwww2.ufac.br%2Fsite%2Funidade-s-administrativas%2Fforcaos-complementares%2Fedufac%2Frevistas-eletronicas%2Frevista-seringal-de-ideias%2Fedicoes%2Fedicao-02-2009%2Fartigos%2Fimagem-da-saude-a-medicalizacao-da-mulher-em-propagandas-de-farmacos-do-inicio-do-seculo-xx%2Fat_download%2Ffile&psig=AOvVaw0aEo2YwDLd70AQill3qC0p&ust=1593080613124662

Figura 10



Imagem extraída de 'A saúde da Mulher' em:

https://www.google.com/url?sa=i&source=imgres&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKewin9uzznZrqAhVPDrkGHUklApEQjRx6BAgBEAQ&url=http%3A%2F%2Fwww2.ufac.br%2Fsite%2Funidade-s-administrativas%2Fforcaos-complementares%2Fedufac%2Frevistas-eletronicas%2Frevista-seringal-de-ideias%2Fedicoes%2Fedicao-02-2009%2Fartigos%2Fimagem-da-saude-a-medicalizacao-da-mulher-em-propagandas-de-farmacos-do-inicio-do-seculo-xx%2Fat_download%2Ffile&psig=AOvVaw0aEo2YwDLd70AQill3qC0p&ust=1593080613124662

Figura 11

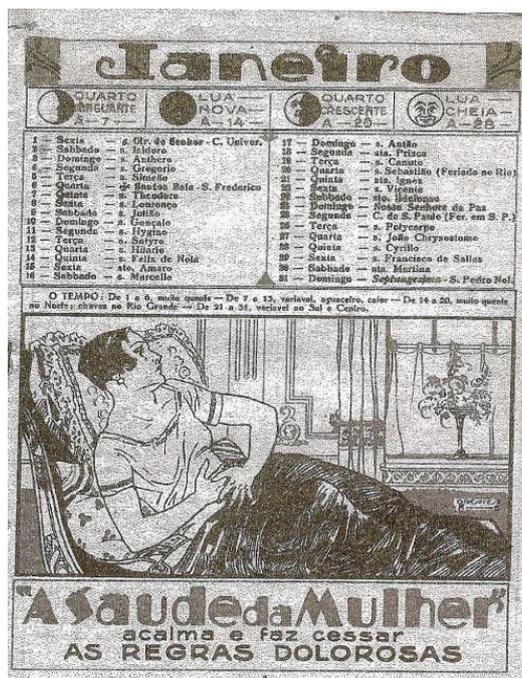


Imagem extraída de 'A saúde da Mulher' em:

https://www.google.com/url?sa=i&source=imgres&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKewin9uzznZrqAhVPDrkGHUklApEQjRx6BAGBEAQ&url=http%3A%2F%2Fwww2.ufac.br%2Fsite%2Funidade-s-administrativas%2Forganos-complementares%2Fedufac%2Frevistas-eletronicas%2Frevista-seringal-de-ideias%2Fedicoes%2Fedicao-02-2009%2Fartigos%2Fimagem-da-saude-a-medicalizacao-da-mulher-em-propagandas-de-farmacos-do-inicio-do-seculo-xx%2Fat_download%2Ffile&psig=AOvVaw0aEo2YwDLd7QAQil3qC0p&ust=1593080613124662

É o que afirma Sant'Anna (2000, p. 53):

“A partir dos anos 80 (...) mais do que liberação moral e sexual, seria necessário liberar o corpo de seu patrimônio genético, incluindo as rupturas de gênero e de espécie; diferente de escolher um modo de vida alternativo, tratava-se de alterar os estados físicos e de consciência dentro da sociedade, nas empresas, no esporte, com o apoio da ciência e da técnica, individualmente, e em nome de um modo de ser mais veloz, performático e ousado. As fronteiras entre natureza e cultura, entre corpo humano e não humano foram, mais uma vez, rompidas. Para alguns não se tratava apenas de obter um corpo liberado sexualmente, mas, principalmente, de fabricar um corpo bem adaptado aos progressos e sonhos tecnocientíficos contemporâneos¹²” (grifos nossos)

¹² É válido notar que com o avanço das técnicas de investigação sobre o genoma humano, o corpo é percebido, cada vez mais, como um pacote de informações, de dados a serem investigados e analisados em prol de uma busca pela perfeição, que adentra os campos da

Do aprisionamento religioso, passando pelas dissecações médicas, pelo endireitamento das formas e pela constituição do corpo-máquina, o corpo adquire, na segunda metade do século XX, sua liberdade vigiada para ser corpo único, corpo individual: é o apogeu da educação física, dos exercícios e ginástica que determinaram a autonomia de sua estética; a ascensão das dietas e vitaminas que revitalizam a imagem de si.

Chamadas a se diferenciarem nas grandes cidades em meio às multidões, as pessoas se projetam com seus corpos, estilizando-os. É o culto à aparência física que promete encenar aquilo que a pessoa é pela sua imagem exteriorizada¹³.

O século XXI trouxe o corpo que deve aparecer, em performance, traduzindo-se em uma variedade de informações (reflexo do consumo), para o cenário dos estudos culturais e sociológicos.

O corpo, hoje, precisa estar marcado pela sua pluralidade de ‘dados’ que o constitui (as marcas de roupas com as quais ele se apresenta nos ambientes sociais, o apego aos ‘gadgets’ – *smartphones*, *notebooks*, *tablets*, relógios *smarts* – e a presença nos espaços públicos, sempre acessíveis aos que dispuserem de recursos financeiros para custear, como a academias de ginásticas, clubes de natação etc.) e pela exigência da perfeição de um esteta arquétipo digno das estátuas e pinturas da antiguidade clássica greco-romana e renascentista (exigência de fato, contraditória, pois, ladeada às inúmeras propagandas de vitaminas, produtos de beleza, moda para pessoas em forma, o que se tem é uma população cada vez mais obesa)¹⁴.

O corpo termodinâmico, preparado para servir cada vez mais e render no trabalho de modo satisfatório, concorrerá com o corpo informatizado: informações essas que vêm com os dados da microbiologia, da genética, da bioquímica darão ao corpo o status de “ser que se dobra sobre si mesmo, um dispositivo composto por redes de mensagens cujas possibilidades de interpretação parecem mais variadas e fragmentadas do que no passado” (SANT’ANNA, 1995, p. 250).

saúde médica e da estética visual: o corpo se torna um hipertexto, do qual sobressaem coleções de percepções (repletas de valores científicos e culturais) estruturantes de sua constituição (SANT’ANNA, 2000, p. 54; COUTO, 2013)

¹³ As transformações técnicas do século XIX, como a fotografia, a massificação do uso dos espelhos e a democratização do autorretrato e das imagens das cidades que cresciam e se desenvolviam ajudaram nessa subjetivação dos corpos (Cf.: SANT’ANNA, 1995, p. 242).

¹⁴ O corpo pós-moderno para ser aceito, para fazer parte dos encontros da vida contemporânea, deve funcionar como um “processador comunicacional ambulante” (SANT’ANNA, 2000, p. 56)

A identidade das pessoas ultrapassa o espaço das formas físicas na era da informatização. Com a nanotecnologia e a nanobiologia, há significativas transformações nas relações com o corpo, pois, se antes um café numa padaria era algo simples, hoje as pessoas buscam as experiências satisfatórias nos espaços públicos com o condicionamento corporal: é o caso de bebidas que promovem o emagrecimento, alimentos que incitam as papilas gustativas, etc. A era da informatização condicionou as relações das pessoas com seus corpos e suas identidades

(...) quanto mais avançamos na pesquisa da identidade do ser, mais amplo e complexo torna-se o espaço onde supostamente se encontrariam as suas verdades. Como se, doravante, para investigar a subjetividade própria ou alheia tivéssemos que perguntar não apenas quais os segredos do coração, do pensamento ou do inconsciente, mas também o que está guardado nesta outra memória do ser, ou seja, quais informações revelam o seu genoma. (SANT'ANNA, 1995, p. 253)

Fluxos contínuos de transformações do ser, das relações com o corpo e com a subjetividade, as novas identidades do século XXI são fluidas, fragmentadas, múltiplas e em constante adequação ao novo que surge, prometendo mais do que um bem-estar na experiência (seja na alimentação, na indústria da moda, na relação com a tecnologia, com a bioestética, etc.). Da mesma forma, as percepções sobre o corpo também estão em constante mudança. Com a moda, os produtos de beleza, o fisiculturismo, a alimentação, as inovações esteticistas médicas e as tecnologias, o corpo torna-se mais do que um retrato do ser: o corpo é poder, símbolo de condições sociais e históricas que reflete *status*, felicidade e pertencimento, de um lado; por outro, segregação, negligência e distanciamento das práticas sociais, pela sua diferença que não seja pertinente às 'demandas' estéticas dos contextos culturais.

Por fim, denota-se que o século XXI é o tempo do culto à imagem: o corpo que era punido, vigiado, mantido preso no privado do lar e contido, agora é objeto de adoração pela indústria do consumo de massas (BAUDRILLARD, 1991). Milhares de propagandas trazem mulheres e homens estereotipados, com músculos e curvas à mostra, ensejando o fetiche do consumo: vidas humanas que "só obterão o sucesso" quando predeterminadas pela sua *corporalidade*, i.e., pelo físico escultural e pela beleza estética.

Considerações finais

Sobre o corpo delineamos nossas identidades e, com ele, perfazemos as nossas vivências. Experimentamos nossas relações socioculturais com a pele e com todas as nossas marcas sensoriais: cheiramos, ouvimos, degustamos, tocamos e percebemos o mundo em suas multiplicidades com a história de nosso corpo. Com o corpo, transparecemo-nos, inclusive, por meio da arte, desde tatuagens e *piercings*. a performances e marcas discursivas: é com ele que nos apresentamos à vida. Porém, se aquilo que transmitimos com nossa imagem destoa do que é vigente, do que é a voga de um tempo, vemos nossas identidades em xeque.

Nos aeroportos, nos parques, nas estações de trem e ônibus, pessoas que não se enquadram nos moldes – tracejados pelos cartazes, *outdoors* e variadas propagandas contemporâneas, embalagens e invólucros, pois, dos atuais espaços públicos – sentem-se fora de seu lugar: do obeso, que para se sentar em uma fileira em um cinema ouve as agressões e piadas sobre o seu tamanho, às magérrimas meninas, que são impulsionadas a seguir sempre magérrimas para serem aceitas em seus grupos sociais. As cidades do século XXI criam seus espaços de exclusão rotineiramente por meio de símbolos: semideuses personificados em roupas de marcas, ícones da perfeição estética que criam os padrões de beleza e alimentos que são *in* (e quem não os conhece estará *out*) criam os cenários de estigmas sociais (GOFFMAN, 1963).

Referências

- AQUINO, Tomás de. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril, 1996.
- ARISTÓTELES. *A Política*. São Paulo: Edipro, 2009.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Edipro, 2011.
- ARISTÓTELES. *Do Céu*. São Paulo: Edipro, 2012.
- BADINTER, E. *XY: Sobre a Identidade Masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BARTOLO, José. Introdução. *Corpo e sentido: estudos intersemióticos*. Covilhã: Livros LabCom, 2007. p. 1-33. Disponível em: <<http://www.labcom.ubi.pt/livroslabcom/>>. Acesso em: 24 out. 2012.

- BAUDRILLARD, J. *A sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1991.
- BORDO, S. O corpo e a reprodução da feminidade. Uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, A. M. *Gênero, corpo e conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2010. p. 19-41.
- BORDO, S. *Unbearable Weight: Feminism, Western Culture, and the Body*. California: University of California Press, 2014.
- BOURDIEU, P. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Coleção Memória e sociedade. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BOURDIEU, P. Novas reflexões sobre a dominação masculina. In: LOPES, Marta; MEYER, Dagmar; WALDOW, Vera (Orgs.). *Gênero e saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 28-40.
- CONNOR, Steven. *Teoria e Valor Cultural*. São Paulo: Loyola, 1994.
- COURTINE, Jean-Jacques. Os Stakhanovistas do Narcisismo. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (org.). *Políticas do Corpo*. São Paulo: Liberdade, 1995. p. 81-114.
- COURTINE, J. J. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- COUTO, E. S. Corpos modificados: o saudável e o doente na cibercultura. In: LOURO, G. L. FELIPE, J. GOELLNER, S. V. (org.). *Corpo, Gênero e Sexualidade*. Petrópolis: Vozes, 2003. P. 172-186.
- ENGEL, Magali Gouveia. O corpo como objeto da história: elementos para um debate. In: MARTINS, I. L. M. IOKOI, Z. M. C. SÁ, R. P. (orgs.) *História e Cidadania – Anais do XIX Simpósio de História – ANPUH*. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH-USP-ANPUH, 1998. p. 215-220.
- FISCHLER C. Obeso Benigno, Obeso Maligno. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (org.). *Políticas do Corpo*. São Paulo: Liberdade, 1995. p. 69-82.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade*. São Paulo: Paz & Terra, 2015. v. 1.
- GOELLNER, S. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G. L. *et al. Corpo, gênero e sexualidade*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 30-42
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1963.

- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2011
- JACKSON, Michael. Conocimiento del cuerpo. In: CITRO, Silvia. *Cuerpos Culturales: Antropología da y desde los cuerpos*. Buenos Aires: Biblos, 2010. p. 59-82.
- JUSTO, Ana Maria. *Corpo e representações sociais: sobrepeso, obesidade e práticas de controle de peso*. 2016. 249 f. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/167973>.
- LE BRETON, D. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- PLATÃO. **A República**. Disponível em: <http://www.eniopadilha.com.br/documentos/Platao_A_Republica.pdf>. Acesso em: 19 maio 2019.
- POCIELLO, Christian. Os desafios da leveza: as práticas corporais em mutação. In: *Políticas do Corpo*. Denise B. Sant'Anna (org.). São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 115-139.
- PORTER, Roy. História do corpo. In: BURKE, P. *A escrita da História*. São Paulo: EdUnesp, 1992. p. 291-326.
- POULAIN, Jean-Pierre. *Sociologia da Obesidade*. São Paulo: Senac, 2013.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Corpo, História e Cidadania. In: MARTINS, I. L. M. IOKOI, Z. M. C. SÁ, R. P. (orgs.) *História e Cidadania – Anais do XIX Simpósio de História – ANPUH*. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH-USP-ANPUH, 1998. p. 172-184.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Corpo e História. *Cadernos de Subjetividade*. Núcleo de estudo e pesquisa da subjetividade. PUC-SP, São Paulo, n. 2, 1995a. p. 243-266.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no brasil. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995b. p. 121-139.
- SANT'ANNA, Denise, “Descobrir o corpo: uma história sem fim”. *Educação e realidade*, Porto Alegre, vol.25, jul.-dez., 2000, p. 49/58.
- SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, P. *A escrita da História*. São Paulo: EdUnesp, 1992. p. 63-96.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação & Realidade*, v.15, n.2, p. 71-99, jul./dez. 1990. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: maio de 2019.

- STENZEL, Lucia Marques. *Obesidade: o peso da exclusão*. Porto Alegre: EDUPCRS, 2003.
- VIGARELLO, Georges. *As metamorfoses do gordo: história da obesidade no ocidente – da Idade Média ao século XX*. Marcus Penchel (trad.). Petrópolis: Vozes, 2012.
- VIGARELLO, Georges. Panóplias corretoras: balizas para uma história. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (org.). *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 21-38.
- VIGARELLO, G. A história e os modelos dos corpos. *Pro-Posições*, v. 14, n. 2, p. 21-29, maio/ago, 2003.
- VIGARELLO, G. O corpo inscrito na história: imagens de um arquivo vivo. *Projeto História*, São Paulo, v. 21, jul./dez., 2000. p. 225-236.
- WOOLF, Naomi. *O mito da Beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.